



VERA MANTERO

POESIA E SELVAJARIA

DANÇA – 8 E 9 JAN

UM ESTAR AQUI CHEIO

DANÇA – 26 FEV

O CORPO PENSANTE

WORKSHOP – 3 A 6 FEV

JAN E FEV 26

CCB

**ARTES
PERFORMATIVAS**

DANÇA +14 **10**

POESIA E SELVAJARIA

8 E 9 JAN

Pequeno Auditório

WORKSHOP DE
COMPOSIÇÃO/INTERPRETAÇÃO **14**

O CORPO PENSAnte

3 A 6 FEV

Black Box

PÚBLICO Estudantes e profissionais da área da dança ou teatro; não profissionais com experiência nas áreas de dança ou teatro.

LOTAÇÃO 20 Participantes

DANÇA * **16**

UM ESTAR AQUI CHEIO

26 FEV

Palco do Grande Auditório

* Classificação Etária a designar pela CCE

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada pela República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto | Direção-Geral das Artes.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES



VERA MANTERO ACREDITA NA IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS, PRINCIPALMENTE DOS RITUAIS QUE TRAZEM AO DE CIMA O QUE ESTÁ ESCONDIDO. PARA ISSO ACONTECER, É PRECISO CAIR.

A Ordem Selvagem das Coisas

Em março, quando recebeu o convite para reativar o espetáculo *Poesia e Selvajaria*, estreado em 1998, no CCB, o bailarino holandês Frans Poelstra respondeu logo que sim. Margarida Mestre, que é professora no Algarve, viu-se obrigada a declinar e, como Ana Sofia Gonçalves, a mais nova do grupo, disse que só fazia o trabalho se participassem todos os intérpretes originais, também ela caiu, assim como o francês Christian Rizzo, que deixou de dançar, embora mantenha a sua atividade coreográfica. Poucas semanas antes de começarem os ensaios, no entanto, Frans Poelstra voltou a contactar Vera, para lhe explicar porque é que também ele não podia aceitar: apercebeu-se de que já tinha 71 anos!

Até Nadia Lauro, responsável pelos cenários e figurinos dos espetáculos agora programados, só aceitou fazer *Um Estar Aqui Cheio*, tantos são os adereços para serem tratados em *Poesia e Selvajaria*. Os anos passam, as pessoas dispersam-se, mudam de vida e os corpos deterioram-se, como Carolee Schneemann fez questão de lembrar a Mette Ingvarsen, quando esta a convidou a reativar com os bailarinos originais o espetáculo de 1964, *Meat Joy*: «A cultura popular só se interessa pelo tema do envelhecimento na condição de ser anómalo, lamentável ou ridiculamente otimista», escreveu: «Nunca se torna claro que, ao chegarem aos 60, 70 anos, as pessoas perdem flexibilidade, mobilidade, assim como perdem esse êxtase de sensualidade que os corpos jovens tão bem comunicam.»

Vera Mantero tinha 32 anos quando dirigiu e integrou o sexteto de bailarinos de *Poesia e Selvajaria*. Em 2026, fará 60. Ela e Nuno Bizarro, que se tornou professor do método Feldenkrais, são os bailarinos originais que restam. Considerou ela, alguma vez, ser substituída? «Ah ah, não, pá. Eu gosto mesmo de atuar. Só quando isto estiver tudo partido é que acho que vou parar. Ando há muito tempo com problemas disto e daquilo. Sofri horrores

quando fiz *O Limpo e o Sujo* em 2016, um trio com a Elisabete Francisca e o Volmir Cordeiro (que depois passou a ser o Francisco Rolo). Era uma peça com muito movimento, muito dançada. Fiquei muito mal das costas e pensei: esta brincadeira de que posso dançar até esta idade acabou agora. Fui tratar-me e percebi que tinha de fazer mais exercício, não podia continuar a viver dos cartuxos da minha formação. Eu julgava que ainda cá estava tudo, mas estava a dismantelar-se. Comecei a fazer ioga, pilates, a correr, a fortalecer os músculos da zona lombar, e fiquei muito melhor. Para mim, não faz sentido não fazer. É uma coisa que me dá imensa vida e muitas coisas extraordinárias.»

«Eu sinto muito, em cena, essa coisa de cair num trabalho e conseguir ficar lá dentro, num lugar que tem outra temporalidade, outro estar, que não é de todo este do quotidiano. Para mim é um privilégio cair nesse lugar. É o último resíduo do que as pessoas terão vivido, coisas ritualísticas, práticas que outras culturas têm ainda, que nós já tivemos muito lá para trás e que nos fazem falta, para regular aqui coisas do nosso corpo, do nosso espírito e não sei de mais aonde. Danças há muitas, mas são raras estas danças assim, que te fazem cair nuns lugares outros, que não se fazem só de movimentos acrobáticos, para mostrar habilidades. Tenho a sorte de poder exercer algo nesse lugar. Enquanto puder, não vou largar essa possibilidade.»

Para além de Nuno Bizarro, o único elemento que resta do grupo original, para além de Vera, o elenco inclui outro colaborador seu de trabalhos recentes, Luís Guerra. Joana Azuru já tinha testado alguns materiais cénicos do espetáculo, no contexto de um programa pedagógico do Fórum Dança; Emily da Silva e André de Campos trabalham pela primeira vez com Vera Mantero: «Fiquei dois dias a ver o ensaio de fora, para dar *feedback* e dirigir um pouco as pessoas novas, e adorei o que vi, a peça é completamente delirante, exultantemente delirante, insolitamente delirante!»

Poesia e Selvajaria surgiu na continuidade de outro espetáculo com o mesmo modelo de trabalho e o mesmo elenco: *A Queda de um Ego*. Abre com uma cena, de que Vera está ausente, em que o elenco parece um grupo de empregados de escritório, não se sabe se numa cerimónia fúnebre ou num casamento. O espetáculo resulta numa lenta desmontagem, até à destruição alucinada, dessa ordem empresarial, essa mesma ordem em que o otimismo profissional convive com a depressão pessoal. Mas em *Poesia e Selvajaria* já não há qualquer protocolo ou enunciado dramaturgico a balizar a experiência. Mesmo a barreira palco-plataforma é trocada por um espaço comum. O público fica em quatro bancadas isoladas no palco, o intervalo entre elas a servir de corredor de acesso aos intérpretes. Este dispositivo

cénico, semelhante a uma oficina com vários polos de atuação, estilhaça o foco do espetador num vaivém entre cenas que se sobrepõem.

Fica-se indeciso entre seguir uma ação e perder as outras, ou controlar o desenvolvimento de todas e nunca perceber a relação entre elas, como começam e porque acabam. Este efeito de fragmentação, de «cair de paraquedas» nas cenas, é partilhado pelos intérpretes. O trabalho de cena deixa de estar arrumado, numa sequência ordenada; antes avança de acordo com movimentos, todos eles entrelaçados e sobrepostos em outros movimentos, que são geridos coletivamente, em relações de entreajuda e complementaridade. Faz lembrar as brincadeiras num parque infantil, os estilhaços de um sonho, o corrúpio de um estaleiro.

O espetador guarda as imagens que consegue apanhar: Margarida com um capacete de bonecos de peluche a arrastar um lenço pela trela; Sofia Gonçalves a fazer o pino em bata de trabalho, ficando nua; Vera a enfiar a cabeça no tambor da máquina de lavar; Frans a mergulhar o pénis numa lata de tinta azul; Christian a replicar posições de ballet, à medida que o seu corpo é deformado por fita-cola; Margarida escondida numa combinação usada por Nuno, que sobe a renda dessa peça de lingerie feminina até à testa de Margarida, criando uma imagem de devoção religiosa.

Ao ficarem retidas na sua atenção, o espetador deixa de perceber se estas imagens provêm do espetáculo ou da sua memória. O espetáculo torna-se uma fábrica a reproduzir, numa paranoia eufórica, a memória do próprio espetador, da mesma maneira que os sonhos sempre remetem para algum aspeto testemunhado na realidade. A este estranho fenómeno, que viaja entre passado e presente, memória, sonho e realidade, espontaneidade e planeamento, Vera Mantero chama «composição». Ou seja, ela controla a sua forma e as dinâmicas da sua forma, mas não o sentido que vão adquirir.

Vera Mantero acredita que «a energia cria sentido»; que «a forma produz o espírito». A sua geração da dança ambicionou destruir qualquer limitação que a impedisse de fazer descobertas. Ao contrário das gerações surgidas recentemente, mais investidas do alcance político, ideológico e até doutrinário do seu trabalho, para Vera Mantero um trabalho não deve ter mensagem, fechar sentidos, mas abrir para outros sentidos, para lá dos que se dominam: «São fenómenos muito giros da coisa performativa. Estamos aqui entre a técnica e o espírito da coisa. Há espíritos da coisa que vêm através das formas. O corpo vai integrando.»

«Estive a ver umas cassetes de vídeo, no estúdio da Eira, e fiquei de boca aberta pelo ambiente, é uma anarquia pura, temos todo o tempo do mundo, agora estou aqui, faço esta atividade, depois fico a olhar para o ar, depois dá-me um ataque. É uma atitude de liberdade absoluta, tudo muito espatifado, desmantelado, esgarçado. Não fazíamos ideia sobre o que seriam pessoas de facto livres... então fazíamos experiências, tentámos perceber.»

Havia quem julgasse que *Poesia e Selvajaria* era um exercício de improvisação. Não era. Quem dissesse que reproduzia, exatamente, uma improvisação. Também não. Então o que é isso a que Vera chama «composição» e que nestas peças se abeira de um caos que tanto pode ser eufórico como desolador? É que Vera Mantero parte mesmo da improvisação, de horas e horas de improvisação com centenas de fragmentos que vão sendo selecionados e montados. Enquanto mostra as suas fichas de leitura, com anotações dos ensaios da época, Vera Mantero explica que é um exercício de paciência, semelhante a montar um puzzle, só que um *puzzle* com peças de puzzles diferentes, criando ligações e dinâmicas que não foram previstas originalmente.

Provocatoriamente, Vera Mantero dá o nome de *Um Estar Aqui Cheio* à sua peça coletiva que mais sugere uma impressão de vazio. Parece mesmo ser uma introdução ao espetáculo que fará no ano seguinte, *Criação 2002*, que ficou famoso pelas paredes insufláveis e os figurinos de super-homens a preto-e-branco. Os intérpretes entram em cena sem precisarem de sair do palco, onde há reentrâncias para se abrigarem, criando ações afastadas, sem relação aparente com os colegas, ou juntam-se em entreatos que preparam algo que não se cumpre até à reunião final: «Estivemos apenas um tempo juntos e depois quisemos fazer a peça. Nos três sítios onde foi mostrada, teve um efeito muito forte nas pessoas que a viram. Gosto muito dela, mas foi pouco vista. É daquelas peças que não foram ao festival certo, não foram vistas por programadores e ficaram sem futuro. Não foi sequer mostrada em Lisboa. É muito estranho até porque o meu trabalho estava muito ativo nessa época.»

Um Estar Aqui Cheio é a peça mais indefesa de Vera Mantero. Entre o terror e um tédio desesperante, está sempre à beira de desagregar-se. E, no entanto, acontece na fase de maior popularidade da sua carreira, que coincide com a rápida modernização do país, que vive então num estado de otimismo coletivo. No contexto dos seus pares da dança contemporânea, Vera Mantero era então alvo de uma idolatria comparável à que se dedica a seres sobrenaturais. Foi uma época em que os seus admiradores, à falta de argumentos para analisá-la, se contentavam com a experiência religiosa:

«Havia se calhar maior confiança vinda da sociedade do que da minha parte. Sempre fiz as coisas numa angústia... a partir de uma certa altura começo a morrer de medo. Toda a vida pensei no Fernando Mamede! Estas coisas puderam ser feitas porque estávamos nesse momento de grande confiança coletiva».

Nesse mesmo ano, Vera Mantero esteve no festival de Berlim, integrada num programa dedicado aos coreógrafos cujo trabalho lançava pistas para o séc. XXI, onde se limitou a cantar. O público tentou decifrar o gesto coreográfico. Mas quem conhecia a música de Caetano Veloso sabia que ela estava só a reproduzir as suas canções com um grande rigor. Mesmo tendo passado 27 e 24 anos desde a sua estreia, Vera Mantero defende, para estas reposições, a sua reprodução tão exata quanto possível, tal como foram apresentadas originalmente, sem considerações pelo tempo ou a mudança de bailarinos: «Não faz sentido transformar as peças. É raríssimo ter oportunidade de ver peças tão antigas quanto estas. Ver obras do passado parece-me fundamental para se perceber uma área artística. É dramático os jovens estudantes de artes performativas não poderem conhecer a sua história, têm umas vagas visões nuns vagos vídeos, rarissimamente na sua integralidade, para se ter uma impressão do que foi aquilo. É uma área com uma história esfarrapada.»

RUI CATALÃO



DANÇA

8 E 9 JAN

Pequeno Auditório

Qui e Sex, 20h

+14

Duração aproximada: 90 min

Poesia e Selvajaria

Direção Artística **Vera Mantero**

Cocriação **Ana Sofia Gonçalves, Christian Rizzo, Frans Poelstra, Margarida Mestre, Nuno Bizarro e Vera Mantero**

Performance **André de Campos, Emily da Silva, Joana Azuru, Luís Guerra, Nuno Bizarro e Vera Mantero**

Cenário e Figurinos **Nadia Lauro**

Reconstituição Cénica e Figurinos **Sara Leme**

Desenho de Luz **Cathy Olive**

Implantação e Operação de Luz **Miguel Carvalho**

Banda Sonora **Christian Rizzo**

Desenho de Som **Rui Dâmaso**

Direção Técnica **Hugo Coelho – Aldeia da Luz**

Assistência Artística **Pietro Romani** (Lília Mestre na criação original)

Adereços e Contrarregra **Beatriz Marques Dias** (Marta Rego na criação original)

Produção Executiva **João Albano, Patrícia Teixeira/O Rumo do Fumo** (EIRA/Delphine Goater na criação original)

Coprodutores **Instituto Português de Artes e Espetáculos, Centro Cultural de Belém, Mergulho no Futuro-Expo 98 e EIRA**

Apoio **Centa e Casa de Mateus**

CRONOLOGIA

19 – 23 SET 2001

Festival International de Nouvelle Danse,
Montreal, Canadá

28 – 30 MAIO 2001

Théâtre de la Ville, Paris, França

28 OUT 2000

Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro,
Brasil
(Miguel Pereira participou neste
espetáculo em substituição de
Christian Rizzo)

26 OUT 2000

Teatro SESC Pompéia, São Paulo, Brasil
(Miguel Pereira participou neste
espetáculo em substituição de
Christian Rizzo)

2 – 3 JUL 2000

Festival Montpellier Danse,
Montpellier, França

11 – 12 FEV 2000

Festival Danse(s) à Brest, Le Quartz,
Brest, França

28 – 29 OUT 1999

Moving Mime Festival, Tilburg, Holanda

16 OUT 1999

Dietheater, Viena, Áustria

13 SET 1999

La Bâtie – Festival de Genève,
Geneva, Suíça

18 – 19 AGO 1999

Internationales Tanzfest Berlin,
TanzWerkstatt Berlin, Berlim, Alemanha

7 MAI 1999

Kunst- und Ausstellungshalle der
Bundesrepublik, Bonn, Alemanha

26 – 27 MAR 1999

Month of March – Mês de Vera,
Culturgest, Lisboa, Portugal

1998

Balletteatro, Porto, Portugal

21 – 22 AGO 1998

Festival Mergulho no Futuro,
Centro Cultural de Belém,
Lisboa, Portugal (**Estreia**)

Estreada em 1998, no âmbito do Festival Mergulho no Futuro, no Pequeno Auditório do CCB, *Poesia e Selvajaria* é uma das criações mais emblemáticas de Vera Mantero. A peça nasce do espanto perante a condição humana – a capacidade de criar o sublime lado a lado com o brutal – e afirma-se como uma procura de liberdade através do corpo.

Um corpo despojado de códigos, aberto ao desconhecido, que se move com a ingenuidade de um ser primordial, à descoberta de si, dos outros e do mundo. Em cena, um grupo de intérpretes habita um espaço de transgressão sensível, propondo uma «selvajaria positiva»: um estado de escuta instintiva, onde se experimentam novas formas de existir e de comunicar, para lá da palavra. A proximidade física com o público convida a um envolvimento mais direto e visceral. «Somos povos presos aos nossos corpos. Somos sedentários, cerebrais, comunicamos sobretudo através da palavra», afirma Mantero. Esta peça é, acima de tudo, um convite à sua libertação. Em 2026, a peça volta ao palco da sua estreia, no Pequeno Auditório do CCB, contando com parte dos elementos do elenco original, a que se juntam alguns novos criadores e colaboradores.

Liberdade. Imanência.

(de onde me surgiu esta ideia de liberdade?)

Liberdade como disponibilidade para as pulsões, disponibilidade para as ouvir e disponibilidade para as levar a cabo de alguma forma. Ouvir essas pulsões em nós, e abraçá-las, abre um campo enorme de possibilidades, cria uma energia para construir, dá uma sensação de sentido, há sentido para fazer as coisas, ou a energia cria sentido.

Gosto desta ideia, a energia cria sentido.

Pareceu-me que a liberdade é aquilo que torna possível entrar-se na imanência.

Provavelmente sem liberdade não se pode entrar nela.

Deve ser por isso que estou sempre a cair na ideia de abandono, um largar das amarras à nossa volta, na ideia de abandono e de abertura, e todas as suas afins.

VERA MANTERO

Um espectáculo que não é apenas um espectáculo de dança, mas que se aproxima de uma acção quase teatral, fugindo à representação clássica que não está em causa. Como refere Mantero, «procuro uma ideia de corpo que não seja fechado, mas aberto».

A liberdade individual é também uma das questões centrais do trabalho da coreógrafa: «isto tem muito a ver com uma liberdade íntima, não política — embora eu não rejeite essa ideia política —, mas com a liberdade de ouvir os nossos desejos, as nossas pulsões, com a disponibilidade para fazer aquilo que nos dizem para fazer».

Vivência, identidade, de fuga, de clandestinidade, de erotismo, de violência e de quotidiano. Pode ser visto mesmo como um espectáculo sobre a ferocidade contida que explode aos poucos, numa espécie de eterno retorno.

PÚBLICO, RUI FERREIRA E SOUSA, 21 DE AGOSTO DE 1998



WORKSHOP DE COMPOSIÇÃO/INTERPRETAÇÃO

3 A 6 FEV

Black Box

terça-feira a sexta-feira, das 10h às 17h

Público Estudantes e profissionais da área da dança ou teatro; não profissionais com experiência nas áreas de dança ou teatro.

Lotação 20 Participantes

O Corpo Pensante

A relaxação, o uso da voz, a escrita, a respiração e a associação livre são alguns dos meios a serem usados neste *workshop* por forma a chegarmos aos movimentos, ações, estruturas e desejos de composição que se encontram neste momento em nós. Exploraremos alguns deles, separadamente, de forma a incorporá-los, mais tarde, em processos de improvisação mais longos ou complexos, ou mesmo em processos de composição. Serão também importantes os estados particulares de consciência, a atenção a sinais exteriores e interiores (awareness), o uso do espaço e a exploração de objetos e materiais. Ironia e mãos vazias levar-nos-ão mais longe ainda.

Workshop de Composição/Interpretação © DR





DANÇA

26 FEV

Palco do Grande Auditório

Qui, 20h

Duração aproximada: 70 min

Classificação Etária a designar pela CCE.

Um Estar Aqui Cheio

Direção Artística **Vera Mantero**

Assistência de Direção Artística **David Marques**

Conceção Visual/Instalação **Nadia Lauro**

Criação e Performance **António Poppe, João Samões, Litó Walkey, Luís Guerra** (Martin Nachbar na criação original), **Sabina Holzer** e **Vera Mantero**

Banda Sonora e Interpretação ao Vivo **Boris Hauf**

Criação de Vídeo **Helena Inverno**

Desenho de Luz **Jean-Michel Le Lez**

Direção Técnica **Hugo Coelho – Aldeia da Luz**

Textos **Herberto Helder** e **William Shakespeare**

Produção **O Rumo do Fumo**

Produção Executiva **João Albano, Carlota Borges Lloret/O Rumo do Fumo**

Coprodução **Le Quartz-Scène Nationale de Brest, Balletheatro Auditório, Teatro Nacional de São João e Porto2001 Capital Europeia da Cultura**

«IF I CAN'T DANCE IN YOUR REVOLUTION, I'M NOT COMING.»

Emma Goldman

Um Estar Aqui Cheio é uma peça de 2001 que foi apresentada apenas em três salas. Vinte e cinco anos após a estreia, é apresentada pela primeira vez em Lisboa, no Centro Cultural de Belém, com o elenco original.

Para a residência proposta em 2001 pelo Le Quartz e pela Capital Europeia da Cultura Porto 2001, Vera Mantero propôs-se pensar em conjunto (uma das suas atividades favoritas). Reuniu vários artistas durante um mês em Brest, com o objetivo de pensar com eles: os coreógrafos/performers Sabina

Holzer, Litó Walkey, João Samões e Martin Nachbar, o escritor-performer António Poppe, o músico Boris Hauf e, no campo das artes visuais, Nadia Lauro e Helena Inverno. Durante quatro semanas, as questões giraram à volta de: como surge a energia? O que nos faz mover na vida, o que é que põe um ser humano em movimento? O que é que cria a curiosidade, o que é que a põe em movimento? Como atravessar uma vida que de facto aproveita a força de toda a sua potência?

Estes nove artistas quiseram habitar, e fazer habitar (pelo público), esses outros lugares da existência, menos palpáveis, menos lineares, menos funcionais, mas igualmente necessários. Ou mais necessários ainda, pois que não encontramos sentido para as nossas «funções» sem os habitarmos. Estas coisas inexplicáveis e indescritíveis através da nossa linguagem quotidiana, mas dizíveis por estas outras línguas que estão no nosso corpo, na nossa percepção, na existência de todos nós. Precisamos desta prática de «afinarmos» os nossos seres a estas outras línguas, de emitir e de entender o que nos atravessa através delas.

Num processo de um mês refletiram, falaram, improvisaram, observaram, trocaram e criaram ligações entre palavras, ações, movimentos, sons, espaços ou objetos. Um espetáculo criado por artistas de diferentes campos e que toma, sucessivamente ou simultaneamente, várias formas: o concerto, a conferência, a coreografia, a instalação... e onde o público encontrará assim também o seu lugar sob diferentes formas, seja em termos de espaço, de tempo ou de percepção.

as ligações entre liberdade e desejo. entre abertura e emergência de movimento.

criar aquilo que cria movimento. criar o que cria desejo. criar o que cria aberturas.

incluir na vida toda a potência do corpo, toda a potência do seu saber, e toda a potência do seu desejo, dos seus diversíssimos desejos.

compreender a vida sensualmente, compreender a vida socialmente.

viver na presença de todo o padrão poético.

continuar a fazer leituras do mundo, leituras criadoras do mundo,

e criadoras de sentido. dar sentido ao estar aqui. um estar aqui cheio.

o que implica necessariamente cheio de troca e de partilha.

VERA MANTERO

Com *Um Estar Aqui Cheio* de Vera Mantero torna-se mais uma vez óbvio que a criadora se move num universo artístico que não é dança. Tem origem nesta linguagem, recupera conhecimentos desta área, mas é um produto sem definição.

Acima de tudo, é uma intervenção filosófica suportada por um exercício de reflexão e pensamento, a actividade mais criativa de Vera Mantero. E, no entanto, o gesto não é cerebral, tem a carga do sentir e o peso da liberdade.

É um quadro absurdo do ser humano, feito de uma colagem de atitudes e de imagens, que cita e intervém sobre a poesia de Herberto Helder e faz uso da interessante atmosfera sonora ambiental de Boris Hauf.

PÚBLICO, CLÁUDIA GALHÓS, 3 DE DEZEMBRO DE 2001

Um Estar Aqui Cheio © João Tuna



Vera Mantero

Vera Mantero estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura. Desde 2000, dedica-se também ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental. Em 1999, a Culturgest organizou uma retrospectiva do seu trabalho até à data, intitulada *Mês de Março, Mês de Vera*. Representou Portugal na 26.ª Bienal de São Paulo 2004, com *Comer o coração*, criado em parceria com Rui Chafes. Foram-lhe atribuídos inúmeros prémios e distinções pelo seu trabalho artístico, dos quais se destacam o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura), em 2002, Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete, em 2009, e o Prémio Plataforma em Santiago de Compostela, em 2025. Em 2024, doa o seu Arquivo à Fundação de Serralves. Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

Poesia e Selvajaria

André de Campos

André de Campos (1985), Cigano, é mestrando em Artes Cénicas (FCSH), licenciado em História de Arte (UAL) e em Dança (ESD), com formação em Medicina Tradicional Chinesa. Performer, ensaiador e assistente de direção na Companhia Olga Roriz desde 2015. Colaborou com diversos criadores e companhias nacionais e internacionais. É também desenhador de luz e autor de obras como *UNDERDOG*, *SAPO* (destacada pelo Expresso em 2021), *LANÇAMENTO* e *corpo espiralado*. Leciona dança contemporânea, movimento e improvisação em várias instituições.

Emily da Silva

Emily da Silva (1997) é uma bailarina, performer e coreógrafa brasileira que reside em Lisboa. Em Portugal, colaborou com diversos coreógrafos, entre eles Connor Scott (*POOF*), Amador Alina Ruiz Folini (*AEROMANCIA*), Sofia Dias e Vítor Roriz (*ARREMESSO X* e *ALL AROUND YOU*), e Cristian Duarte (*O QUE A GENTE FAZ*). Em 2025, integrou o PACAP 8 / Mystery School of Choreography, dirigido por Meg Stuart em colaboração com Ana Rocha, onde participou nas obras *ASTRAL ON THE DANCEFLOOR*, *ARCHIVES FOR FUTURE SPELLS* e no filme *SULPHUR EDGES*. Nas suas práticas, o corpo investiga a circularidade, as espirais, a ginga e o cambalear como ferramentas de

vibração e transformação do tempo-espaço.

Joana Azuru

Joana Azuru (1999) é uma artista interdisciplinar que trabalha com o corpo performativo, desenho e escrita. Em 2024, concluiu o Programa Avançado de Criação em Artes Performativas do Forum Dança, onde iniciou a sua pesquisa «Silêncio não é silencioso», um compromisso com a procura de silêncio e presença que atua como lente no seu fazer diário e artístico. A sua jornada iniciou-se na Escola António Arroio, passando pelo bordado artesanal e design de moda e têxtil. Paralelamente, o ballet clássico e a dança contemporânea foram parte da sua prática. Concluiu também o Curso de Gestão/Produção das Artes do Espetáculo no Forum Dança.

Luís Guerra

Luís Guerra (Lisboa, 1985) estudou dança, coreografia, massagem, reiki e artes visuais, concluindo o curso avançado do ArCo com bolsa Vera Futscher. Bailarino, intérprete, pedagogo e coreógrafo, colaborou com Tânia Carvalho, Vera Mantero, Sofia Dias & Vítor Roriz, Simon Vincenzi, Emio GrecoIPC, Claudia Castellucci, entre outros. Apresentou trabalhos em teatros e, mais recentemente, focou-se na improvisação e em estados de transe em espaços não convencionais. Destacam-se peças na Fundação Gulbenkian, Casa da Cerca, Festival

Silvestre e MAAT. Ensina na Escola Profissional de Teatro de Cascais e vive em Bruxelas.

Nuno Bizarro

Nuno Bizarro (Lisboa, 1964) é coreógrafo, intérprete e professor de dança contemporânea, além de praticante certificado do método Feldenkrais. Iniciou a sua formação no Ballet Gulbenkian e aprofundou estudos em técnicas contemporâneas, improvisação e práticas somáticas com referências internacionais. Em Portugal, cofundou a associação Re.al e o espaço Lab, colaborando com criadores como Vera Mantero, João Fiadeiro e Paulo Ribeiro. A viver em França, trabalhou com figuras centrais da dança europeia, entre as quais Boris Charmatz, Emmanuelle Huynh, Meg Stuart e Xavier Le Roy. Foi distinguido com um Bessie Award pela recriação de *Parades & Changes* de Anna Halprin. Desenvolve atividade pedagógica em instituições internacionais e obteve, em 2020, o Diploma de Estado de Professor de Dança (Contemporânea).

Pietro Romani

Pietro Romani caiu na dança em 1996, trabalhou com diversos coreógrafos como assistente e intérprete, mas é no apoio à dramaturgia, na escuta e no olhar que melhor contribui em cada projeto. Com André Lepecki, aprendeu a abraçar a criação sem separar análise, emoção, instinto,

ritual, rigor e o inefável. Trabalhou com Carlota Lagido, Francisco Camacho, Vera Mantero, Pina Bausch, Filipa Francisco, Miguel Pereira, Gary Stevens, Paula Castro, Tiago Guedes, Hugo Mestre Amaro, Ana Borralho & João Galante, Tânia Carvalho, Marco da Silva Ferreira, Inês Campos, Jo Castro, Maurícia I Neves, Be Dias, Amarelo Silvestre e João Grilo. É do sentir e do fazer. Fascina com as sondas Voyager.

Sara Leme

Iniciou os seus estudos de ourivesaria em 2011, em Lisboa e Berkeley, e licenciou-se em Arte e Design na Gerrit Rietveld Academie (Amesterdão), na área de Joalharia Contemporânea – Linking Bodies. Participa desde 2014 em exposições individuais e coletivas, recebeu o 1.º Prémio Jovens Criadores e foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian para estudos nas Artes Cénicas. Concluiu o Mestrado em Cenografia na Elisava Barcelona, tendo colaborado com a companhia La Veronal em produções para a Ópera de Paris e a Ópera de Ghent. Atualmente cruza joalharia, cenografia e figurinos, desenvolvendo uma prática interdisciplinar que investiga as relações de escala e presença entre corpo, objeto e espaço.

Rui Dâmaso

Tem o curso de sonoplastia do IFICT. Estagiou no Hollandia Theatre Group. Coordenou e faz parte da equipa de som do Teatro Dona Maria II. É

músico, sonoplasta, desenhador e operador de som. Em teatro trabalhou com Marina Albuquerque, Carla Bolito, Joana Craveiro, Fernanda Lapa, Tiago Rodrigues, João Mota, Jorge Silva Melo e Carlos Avilez. Em dança trabalhou com Mónica Lapa, Vera Mantero, Clara Andermatt, Teresa Silva e Elizabete Francisca, Marlene Freitas, Filipa Francisco e com Meg Stuart em *Crash Landing*. Tocou com Victor Rua, Marco Franco, Norberto Lobo, Rita Braga, Bernardo Devlin, Pedro Sousa, ACID MOTHERS TEMPLE, Damo Suzuki. Toca guitarra e baixo nos LOOSERS e nos GALA DROP.

Beatriz Marques Dias

Nasceu nas Caldas da Rainha em 1997. É licenciada em Dança pela Escola Superior de Dança de Lisboa em 2018. Tem desenvolvido o seu trabalho como intérprete e cocriadora de criações artísticas ligadas à dança contemporânea, arte participativa e infância. Como intérprete participou em criações de Francisco Camacho, Filipa Francisco, Madalena Victorino e Tânia Carvalho. Desde 2023 dedica-se à MEIO DO MATO, uma associação cultural fundada por um grupo de amigos e cúmplices de sonhos, que coletivamente provocam a criação artística e o repouso na Serra de Monchique. Atualmente, frequenta o terceiro ano da licenciatura em Psicologia no ISPA.

Um Estar Aqui Cheio

António Poppe

Artista visual, performer e poeta, vive em Lisboa. Estudou Engenharia Zootécnica na Universidade de Évora, concluiu o curso avançado do Ar.Co e prosseguiu estudos no Royal College of Art, em Londres. Fez mestrado em Arte Performativa e Cinema na School of the Art Institute of Chicago, como bolseiro da Gulbenkian e da FLAD, e lecionou Desenho no Ar.Co. Desde 1991, apresenta um trabalho híbrido entre artes visuais, performance e poesia em instituições como Serralves, MAAT, Culturgest, Gulbenkian, Carmona e Costa, Soares dos Reis, ZDB e Casa Fernando Pessoa. Publicou cinco livros, entre eles *Torre de Juan Abad*, *Livro da Luz e Medicin*. Destacam-se *Mil Órbitas* (ZDB, 2019) e o projeto *DE CORPO PRESENTE* (Museu da Cidade do Porto, 2022). Trabalhou com Goat Island e colaborou com artistas como Vera Mantero, Mumtazz, Musa Paradisiaca e La Familia Gitana. Recentemente dedica-se a *EM VOZ ALTA*, aprofundando a fusão entre disciplinas.

Boris Hauf

Músico, compositor e curador sediado em Berlim, com trabalho que atravessa eletrônica, free jazz, nova música de vanguarda, rock experimental, cinema e performance interdisciplinar. Desde os anos 1990, lançou mais de 50 álbuns

e compôs para dança, cinema e *ensembles* como Janus Ensemble e Arditti Quartet. Como curador, criou formatos e festivais inovadores, entre eles Chicago Sound Map, Playdate e Cinesthesia. Em 2015, fundou a Shameless, editora independente com foco político e ecológico. A sua prática colaborativa explora interseções entre música, performance e educação. Lecionou na Universität der Künste Berlin, integrando ferramentas generativas e abordagens interdisciplinares, e ensina música numa escola primária em Berlim. Apresenta-se internacionalmente com CLARK, o seu projeto a solo centrado em sintetizadores, e interpreta *Come here dust and hair* com Litó Walkey e toca teclas e saxofone com os austríacos Naked Lunch.

João Samões

João Samões situa a sua prática artística entre performance, dança, teatro, desenho e pintura. Estudou Antropologia em Lisboa e, em 2000, realizou estudos de técnicas de corpo, improvisação e composição em Nova Iorque, como bolseiro do Ministério da Cultura. Colaborou com o Teatro Olho (1994–1996) e com coreógrafos como Francisco Camacho (1997–1998) e Vera Mantero (2001–2002). Participou em projetos marcantes, como *Gust* e *Crash Landing Lisboa* (1998), de Meg Stuart. Criou peças como *18 Minutos* (2000), *Zonas de Ruidosa Influência* (2004), *O Labirinto a Morte e o Público*

(2007), *Blackout* (2008), *África Fantasma* (2010), *O Papagaio de Céline* (2014), *Hotel Louisiana Quarto 58* (2016) e *O Poeta Acorrentado à Mesa* (2019), levando a palco textos de Fanon, Césaire, Céline e Cossery. Apresentou o seu trabalho em instituições como Gulbenkian, CCB, Culturgest, TNSJ e Naves Matadero. Expôs *Uma Casa sem Número* (2024), *Conta-me a tua Viagem* (2024) e *Céus e seios...* (2025). Em Odemira, dirige o ciclo *Debataberto*, com programação em 2025/2026.

Litó Walkey

Litó Walkey (GR/CAN) é uma artista radicada em Berlim cujo trabalho se desenvolve de forma colaborativa entre a escrita e a coreografia. Os seus projetos de performance e de edição, como *Come here dust and hair* (2018-) e *This, Fantasies, Art* (2023-), ativam estruturas coletivas que impulsionam circulações afetivas de deriva do sentido — e do próprio sujeito. A sua investigação aborda a linguagem e a performance como momentos que simultaneamente traçam e convocam práticas artísticas relacionais. Ensina e acompanha processos de escrita coreográfica internacionalmente e é, atualmente, doutoranda em Performance Practices na Universidade de Gotemburgo.

Luís Guerra

Luís Guerra (Lisboa, 1985) estudou dança, coreografia, massagem, reiki e artes visuais, concluindo o

curso avançado do Ar.Co, onde recebeu a bolsa Vera Futscher. Bailarino, intérprete, pedagogo e coreógrafo, integrou peças de Tânia Carvalho e colaborou com artistas como Vera Mantero, Sofia Dias & Vítor Roriz, Simon Vincenzi, Emio GrecolPC, Claudia Castellucci, Elisabete Francisca, Mariana Tengner Barros, David Marques e Meg Stuart. Bolseiro DanceWeb, apresentou obras em teatros, dedicando-se nos últimos anos à improvisação e a estados de transe em contextos não convencionais, como galerias, jardins e espaços exteriores. Entre os trabalhos recentes destacam-se a improvisação sobre *Almada Negreiros* na escadaria da Gulbenkian, o solo no jardim da Casa da Cerca, improvisações no Festival Silvestre e uma performance duracional no MAAT. Leciona movimento na Escola Profissional de Teatro de Cascais e facilita *workshops*. Vive em Bruxelas, onde prossegue formações na área da improvisação.

Sabina Holzer

Artista, investigadora e facilitadora de movimento na área da coreografia expandida, sediada em Viena. Desde 2005 colabora com Jack Hauser como cocriadora, atuando e escrevendo, sobretudo com Miss Coochie & Irma Vep no contexto da *Wohnung Miryam van Doren*. A sua escrita, intrinsecamente ligada à prática performativa, surge desde 2008 em performances, instalações,

vídeos e publicações. Entre os seus projetos recentes destacam-se *Testing Grounds* (Secession, 2024), *Noa & Snow* (Bom Dia Books, 2022), *which dances—which writes* (Sonderzahl, 2024) e *Allow me to dream a body with you* (Veramo Press, 2024). Investiga ecologias, poéticas e relações entre humanos e mais-que-humanos, desenvolvendo formas de *assemblage* coreográfica, como em *which dances* (2021–2024), *liquid journeys* e *riverhood* (desde 2023). Entre 2024–2027, é investigadora principal do projeto *On the Significance of the Heart*. Em 2025, com Hauser, concebe *Department Joy*. Ensina, orienta e partilha práticas de movimento e colaboração artística internacional.

David Marques

David Marques (Torres Novas, 1985) é coreógrafo, intérprete, investigador e colaborador crítico nas áreas da dança e do teatro. Formou-se na Escola Superior de Dança e no CCN de Montpellier, com bolsa Gulbenkian, e é mestre em Estética e Estudos Artísticos pela NOVA FCSH. Desde 2007, desenvolve trabalho coreográfico apoiado pela EIRA, centrado nas condições de emergência da dança e nas relações entre corpo, atenção, memória e palavra. Criou solos e peças de grupo, publica *Labirinto* em 2025 e trabalha frequentemente em colaboração artística. Como intérprete, tem trabalhado com Loïc Touzé, Francisco Camacho,

Filipa Francisco, Lucie Tuma, Tiago Guedes, Raquel Castro, Tiago Vieira, Emily Wardill, Bruno Alexandre, entre outras. Desenvolve curadoria e mediação, escreve para livros e revistas. Recebeu a Bolsa de Mérito ESD-IPL 2024/2005 e o Prémio Autores SPA para «Coreografia», em 2020, com a peça *Mistério da Cultura*. É cofundador da Parca associação cultural.

Nadia Lauro

Artista visual e cenógrafa que, há várias décadas, desenvolve trabalho em múltiplos contextos — palcos, paisagens e museus — criando cenografias, ambientes e instalações de forte potência dramática que propõem novas formas de ver e estar em conjunto. Colaborou com numerosos coreógrafos e performers internacionais, como Vera Mantero, Benoît Lachambre, Alain Buffard, Emmanuelle Huynh, Antonija Livingstone, Fanny de Chaillé, Latifa Laabissi, Marcelo Evelin, Meg Stuart, Flora Détraz, Kate McIntosh, Marion Siéfert, Jennifer Lacey e muitos outros, assinando com Lacey diversos projetos em coautoria. Recebeu um Bessie Award pela instalação de *\$\$hot*. Criou as instalações-performances *Tu montes*, *As Atletas* e *I Hear Voices*, apresentadas na Europa, EUA e Ásia. Concebeu ainda *Stitchomythia* (com Zeena Parkins) e *Transhamance* (com CocoRosie). Desenvolveu ambientes curatoriais como *La Clairière*, *Khhhhh* e *Garden of Time*. Entre

2014 e 2022 foi artista associada do festival Extension Sauvage.

Jean-Michel Le Lez

Brest, 1968. Após concluir um diploma em eletrotécnica, enveredou pelas profissões técnicas das artes performativas. Em 1988, integrou o Le Quartz, espaço nacional de artes performativas em Brest, onde iniciou funções como responsável de luz e designer de iluminação. Durante vários anos, contribuiu para a conceção luminotécnica e apoiou produções de dança, teatro e música, encarando a luz como um meio ao serviço da criação artística. Colaborou com artistas e companhias de renome, tanto a nível nacional como internacional. A sua evolução no teatro de Brest reflete o seu profissionalismo e dedicação: em 2007 foi nomeado responsável técnico e, em 2012, promovido a diretor técnico. Neste cargo, coordena e organiza os projetos artísticos, supervisiona as equipas técnicas e contribui para o desenvolvimento estratégico e técnico do espaço.

O Rumo do Fumo,

O Rumo do Fumo, fundado em 1999 por Vera Mantero e apoiado desde então pelo Ministério da Cultura, é uma estrutura de criação, produção, difusão nacional e internacional, investigação, formação e programação, na área da dança contemporânea, que se posiciona num território artístico de carácter experimental e de pesquisa; território que é também de alargamento do campo da própria dança e dos seus horizontes, caracterizando-se pela transversalidade das disciplinas artísticas e cruzamento de dança, música, teatro, literatura/poesia, artes plásticas e cinema. Responsável pela produção dos trabalhos de diversos artistas com o objetivo de criar os meios necessários ao desenvolvimento e consolidação das suas carreiras, assegurando-lhes uma maior continuidade no trabalho e facilitando possibilidades de circulação nacional e internacional. Atualmente, representa os artistas associados Miguel Pereira e Vera Mantero e apoia Henrique Furtado Vieira e Romain Beltrão Teule, bem como outros artistas através dos seus programas para novos criadores e artistas emergentes. Desde 2003, é membro cofundador da REDE - Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**



ccb.pt/newsletter

JÁ A SEGUIR — DANÇA

F*CKING FUTURE

MARCO DA SILVA FERREIRA

20 A 22 FEV 26

*F*cking Future* coreografa a fricção entre militância e militarização, explorando e desafiando os sistemas que moldam corpos e comportamentos. Num palco quadrifrontal, servindo-se desses mesmos sistemas, um coletivo marcha entre rigidez e diluição, disciplina e desejo, convocando novas formas de união e insurgência — permanecemos aqui, resistindo em movimento.

Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h

Palco do Grande Auditório

Classificação Etária a designar pela CCE



Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao